

Eduardo de Aguilar

Juramento de amôr

PEÇA EM UM ACTO, EM PROSA

Preço $40

LISBOA — 1920

Eduardo de Aguilar

Juramento de amôr

PEÇA EM UM ACTO, EM PROSA

Preço $40

LISBOA — 1920

Eduardo de Aguilar

Juramento de amôr

PEÇA EM UM ACTO, EM PROSA



LISBOA — 1920

[S. n.]

Obras de Eduardo de Aguilar:

Toque de Trindades —	teatro	—	esgotado
Noite de Consoada —	»	—	»
Morgadinha de Silvares —	romance	—	»
De Profundis	»	—	»
Misterio da Ressurreição	»	—	»
Tragedias de Roma	»	—	*1$50*

(O romance historico *Tragedias de Roma*, de que restam poucos exemplares na Livraria Portugal-Brasil — Rua Garrett, Lisboa, foi considerado por toda a imprensa portuguesa, um trabalho de primeira ordem, digno de todas as estantes e honrando a literatura patria. A sua acção passa-se em Roma, no tempo de Nero. Forma um volume de 600 paginas).

Para breve:

Amôres Tragicos

Emocionante romance contemporaneo.

Ao Exmo Snr.

Luis de Almeida Grandella (filho)

á sua bondade e ao seu caracter

FIGURAS

Maria das Mercês	18 annos
Padre Antonio	70	»
José, sacristão	40	»

ACTUALIDADE



Juramento de amôr

Sacristia duma pequena ermida aldeã. Ao F. uma porta dando passagem para a igreja, e uma janela larga deitando para um jardim. A' E. um armario antigo, sobre o qual se vê um crucifixo. Ao lado do armario, uma mesa e cadeiras. A' D. uma secretaria e uma estante com livros. E' dia. Ao erguer do pano, **Padre Antonio** *está sentado á secretaria, lendo um livro.*

PADRE ANTONIO

(Tirando os oculos e pousando o livro) A historia de sempre!... Amores mal correspondidos, lagrimas e, no final, o esquecimento!... A eterna banalidade!... *(Pensativo)* Como é lindo o amôr, mas como é custoso o saber amar!... (*Olhando em volta*) Estou só, ninguem me ouve. (*Erguendo-se*) Já lá vão cincoenta anos, depois que vivi e que amei!... Mas como era diferente esse sentimento, como se tornava em culto, como ele alimentava todas as esperanças e

todos os sonhos! . . . Um dia, porém, quando julgava receber nos meus braços a noiva apetecida, recebi a noticia da sua morte! . . . Eu que esperava sorver-lhe os beijos, nem mesmo me foi dado beija-la depois de morta! . . . (*Olhando o Christo*) Senhor, fiz-me teu servo e quando principiei a servir-te, foi como se tambem, sobre mim, tivesse tombado a pedra dum tumulo! (*Nervoso e avançando*) E quem, senão tu, que m'a roubaste! . . . E é de lucto na alma e de lucto nas vestes que eu, Senhor, estou servindo quem me levou o coração! . . . (*Resignado*) Enfim . . . Já lá vão cincoenta anos, o sangue já não tem calor! . . . (*Deslumbrado*) O', mas nas aguas das fontes, na luz do sol, no cantico das aves, nas flores que desabrocham, no murmurio das brisas, em tudo vejo, em tudo oiço aquela que perdi! . . .

JOSÉ

(*Ao F. e descendo*) Dá licença, Padre Antonio! . . .

PADRE ANTONIO

(*Voltando a sentar-se á secretaria*) Entra, José. Temos novidades? . . . Por cá . . . a esta hora . . .

JOSÉ

O regedor, o Bernardo, está á espera da lista com os nomes dos rapazes cá do concelho e que ficaram

prisioneiros da guerra. Todos eles estão já a caminho e em breve voltam ás suas terras.

PADRE ANTONIO

Vão dar muitas alegrias. Vão chorar, de contentes, muitas mães e muitas noivas. Deus os traga em bem.

JOSÉ

A Ana, do moinho, parece doida... Ainda não sabe se lhe toca a sorte de vêr o filho e já fala em perús assados, em arroz dôce, que sei eu. Diz que vae dar um jantar como nunca se viu cá pelos sitios. Eu, é claro, já me fui convidando. Comer muito, faz-me mal. Mas um dia não são dias e cada um deve sacrificar-se!...

PADRE ANTONIO

Tens razão... e apetite... Deus permita que todas as mães vejam realisadas as suas esperanças.

JOSÉ

Vossa reverencia tambem ha de fazer uma festasita cá na ermida. Sermão de arromba, bôdo e bela musica.

PADRE ANTONIO

Quanto ao sermão, está bem. Quanto á musica, é que não é facil. O orgão não toca.

JOSÉ

Tem os orgãos respiratorios muito estragados. Precisa de tubos novos. Mas isso arranja-se. (*Contando pelos dedos*) O Joaquim, da *Estrudes*, toca flauta. O Antonio, meu afilhado, é um artista com a rabeca. Até já toca as operas do Coliseu. Das outras é que ainda não pesca nada. O meu compadre, esse então na viola...

PADRE ANTONIO

Viola, na igreja!... Isso não...

JOSÉ

Ora adeus! Sempre faz bulha e de mistura com os outros instrumentos ninguem repara. Deus não castiga por isso.

PADRE ANTONIO

Não e não. Vê se arranjas antes um harmonium.

JOSÉ

Bem, não teimo. Depois, é claro, uns arcos de buxo, uma foguetada, esmolas aos pobres e confeitos á rapaziada. Para os confeitos dou eu tres tostões...

PADRE ANTONIO

Não é muito ... mas como é de boa vontade.

JOSÉ

Lá isso, juro-o. Vae ser um dia de festa. A mocidade nos bailaricos, tudo alegre, tudo satisfeito. (*Mudando de tom*) E' verdade ... a menina Maria das Mercês já falou a vossa reverencia?

PADRE ANTONIO

Quem? ... A filha da viscondessa?

JOSÉ

Sim, senhor.

PADRE ANTONIO

Ainda não.

JOSÉ

Anda assim tão triste desde que lhe morreu o irmão. (*Encostando-se á mesa*) O senhor Padre Antonio podia escrever-me uma carta?

PADRE ANTONIO

O' homem, quantas queiras.

JOSÉ

Para essas coisas não tenho geito. Cá pela ideia vae tudo bonito, mas botar as ideias ao papel, é que não sou capaz. E agora, então, que queria coisa a falar ao coração.

PADRE ANTONIO

Olá... temos namôro?!

JOSÉ

E', na verdade, para o meu amôr.

PADRE ANTONIO

Tu?... Viuvo já e com essa edade!....

JOSÉ

(A rir) E' para minha mãe... Vae fazer oitenta e quero mandar-lhe umas linhas.

PADRE ANTONIO

Isso agora é outra coisa... E's feliz!... Tens mãe!... Eu, nem isso... Tudo quanto podia fazer palpitar meu coração, dar-lhe fogo, dar-lhe alento, morreu... extinguiu-se!... Sim, eu te farei a carta, como se fosse de mim para minha mãe!... E se fosse assim, o que não lhe diria!... Em cada frase um beijo, em cada beijo uma porção da minha alma!

JOSÉ

Com a carta quero mandar-lhe uma lembrança. Um lenço todo catita e uma caixa de rapé.

PADRE ANTONIO

Fazes muito bem. Olha lá, porque não lhe dás a imagem?

JOSÉ

Já m'a tem pedido. Quando minha filha partiu lá para o Brasil em companhia do marido, deu-me aquela Nossa Senhora das Dores e disse-me: *Conserve esta imagem até á morte. Se um dia, porem, tiver um mo-*

tivo para se julgar feliz, dê-lhe o destino que entender. Já vê, vossa reverencia, que a guardo.

PADRE ANTONIO

Nunca foste, então, feliz!

JOSÉ

A prova é que nem mesmo a minha santa mãe a tenho dado.

PADRE ANTONIO

(Preparando-se para escrever) Bem... vamos á carta. Enquanto a escrevo, vae tu ao jardim e vê se arranjas as capoeiras. A creação estraga-me as flores.

JOSÉ

Antes disso, se me dá licença, volto á loja do Bernardo. Estou com pressa de ver a lista e de ver se janto em casa da Ana do Moinho... Perú assado, não se pode perder. *(Sae pelo F.).*

PADRE ANTONIO

(Escrevendo) A velhota, coitada, vae ficar radiante. Vae remoçar.

MARIA DAS MERCÊS

(Envolta numa mantilha, aparece ao F.) Padre Antonio, concede-me licença?

PADRE ANTONIO

(Erguendo a cabeça e afirmando-se em quem entra) O'!... és tu?... Entra, pequena. Entra e senta-te aqui ao pé de mim.

MARIA DAS MERCÊS

(Descendo) Desculpe vir importuná-lo, mas resolvi vir aqui para que me oiça...

PADRE ANTONIO

Queres confessar-te? *(Rindo)* Não é tempo ainda. Olha... desculpa este tratamento. Conheço-te desde o berço, fui teu professor e, francamente, não posso chamar-te a D. Maria das Mercês... V. Ex.ª isto... V. Ex.ª aquilo... Bem sei que tua mãe é a senhora Viscondessa de S. Justo e que tu és a herdeira do solar. Em todo o caso, cá para mim, és a pequena e só por tu te sei tratar. *(Puxando uma cadeira)* Anda... senta-te.

MARIA DAS MERCÊS

(Sentando-se) Trate-me sempre assim, padre Antonio. Bem sei que não podia ser, mas faça de conta que sou sua neta, trate-me sempre assim. *(Fica cabisbaixa e pensativa).*

PADRE ANTONIO

Estás triste?!... Uma rapariga de dezoito anos só deve ter risos e canções... Preces e lagrimas são para mais tarde, ouviste... São cá para mim. (*Afirmando-se*) Que tens?... Tua mãe ralhou-te?... Tu ás vezes és endiabrada... Alguma coisa que partiste com a brincadeira... Mas tu estás palida!... Tu sofres!... (*Erguendo-se e acarinhando-a*) Que tens?... (*Correndo a dar-lhe um copo de agua*) Bebe... bebe mais. Que se passa em ti, para que tanto te apoquentes?

MARIA DAS MERCÊS

Tudo quanto ha de mais tragico e de mais terrivel!

PADRE ANTONIO

(*Com assombro*) Estás doida?... Que tragedia se pode conceber em ti?... E's nova, és formosa, és rica, és nobre, és amada!... Achas pouco tudo isso?

MARIA DAS MERCÊS

Sofro pelo muito que amo e pelo muito que sou amada!

PADRE ANTONIO

Mas isso é um paradoxo!...

MARIA DAS MERCÊS

(*Com vivacidade e tirando a mantilha*) Ouça-me, padre Antonio. Minha mãe julga-me na quinta e eu vim aqui para lhe pedir um conselho, para lhe contar a minha angustia.

PADRE ANTONIO

Conselhos, sempre t'os dei do melhor quilate. A tua historia não pode ser senão de amôr!... (*Afagando-a*) Creança!... Foi uma nuvensita que surgiu no teu céo, uma ligeira borrasca, um fumo que, creio, já está sumido... Ora afujenta essas lagrimas e ri e canta e brinca!...

MARIA DAS MERCÊS

Nunca mais poderei rir, nem cantar. O meu coração está quase duplamente de lucto.

PADRE ANTONIO

Falas de teu irmão? ... Tens a certeza de que ele morreu em França? ...

MARIA DAS MERCÊS

Sim ... meu irmão morreu. Sempre me escreveu e de repente os meses passaram-se sem uma noticia. Um dia, bem sabe, um amigo seu e que combateu a seu lado, procurou minha mãe, preparou-a para a noticia e disse-lhe que Fernando tinha morrido em combate. Sim ... estava defendendo uma trincheira, quando uma chuva de metralha revolveu todo o terreno e o meu pobre irmão, com todos os companheiros, ficava ali sepultado para sempre! ... (*Chorando*) Coitado ... tão bom, tão leal, tão valente! ... Era o meu orgulho, o orgulho da nossa casa!

PADRE ANTONIO

Não desesperes! ... Pode haver um erro, pode ter-se dado um milagre! ... Nunca ouviste dizer que, entre mortos e feridos, sempre escapa algum! ... Esse amigo que deu a noticia, pode estar iludido ... (*Pausa*) A ser verdade, porém, não deves chorar. Na guerra, quando se defende a bandeira da patria, aquela que simbolisa tudo quanto nos é caro, em vez de se morrer, vive-se. Aquele que tombou na lucta para honra dos seus, surge sempre na Historia. Teu

irmão honrou-se, honrando a sua Patria... Essa morte, a ter-se dado, deve causar-te orgulho e deves apontá-la como exemplo.

MARIA DAS MERCÊS

Sim, um grande orgulho e uma grande magua!

PADRE ANTONIO

Depois... estás em vesperas de casar!... Esse futuro risonho que te espera, esses carinhos de teu esposo e mais tarde as risadas argentinas de teus filhos, servirão de lenitivo ás tuas dores... Nessa altura, podes crê-lo, a figura de Fernando deve surgir-te, não como um fantasma pavoroso, mas radiante de beleza, feito heroe. Quando lhe invocares o nome, invocas a tua Patria e has de sentir-te ufana da tua raça!... Não chores!... (*Risonho*) Muda de conversa... Quando é o teu enlace?... Quero saber isso, para ter tudo a postos.

MARIA DAS MERCÊS

(*A custo*) Já não caso.

PADRE ANTONIO

(*Aturdido*) Positivamente... endoideceste ou, en-

tão, estou a sonhar!... Já não casas?... E ele, o teu primo, D. João?...

MARIA DAS MERCÊS

Esse... deseja, ardentemente, o casamento.

PADRE ANTONIO

(*Cada vez mais admirado*) E tu?...

MARIA DAS MERCÊS

(*Chorando nervosamente*) Eu não posso casar... Eu não devo casar.

PADRE ANTONIO

(*Com receio*) Não podes?... Quem t'o impede?.... Tua mãe consente, ele deseja e tu não!... Meu Deus, será possivel!...

MARIA DAS MERCÊS

O dever, o brio, a honra, obrigam-me a não casar. (*Com arrebatamento, erguendo-se*) O', mas eu amo D. João, amo-o com todo o ardôr!... E' ele a minha vida, a minha esperança!... Que infeliz eu fui!

PADRE ANTONIO

(*Reflectindo*) Por acaso!... (*Arrebatado*) Maria das Mercês, diz-me tudo, conta-me tudo... Faz de conta que sou, como querias, o teu avô... Abre o teu coração e descreve-me essa tua angustia. Se amas D. João e ele te corresponde da mesma forma, qual o motivo de não casares?

MARIA DAS MERCÊS

Um juramento.

PADRE ANTONIO

Que outro poderias fazer a teu noivo, alem da fidelidade e dum amor constante?!... Sê franca... Deus ouve-te e ele sabe punir e perdoar... Pelo meu pensamento passou uma ideia terrivel, mas não, não pode ser!... Tu és a mesma pomba, a mesma flôr cheia de viço e de frescura.

MARIA DAS MERCÊS

Meu bom amigo, meu bom avô!... Fiz um juramento sagrado e os juramentos cumprem-se quando ha dignidade, quando ha nobreza.

PADRE ANTONIO

Fala. . . Estás a rasgar-me o peito.

MARIA DAS MERCÊS

Quando meu irmão partiu para a guerra, disse-lhe, á despedida: *Se voltares são e salvo, caso-me e serei ditosa. Se morreres, juro que não casarei, só para ficar, para sempre, a chorar por ti. . .* Ele quis repelir essa promessa, mas em face da minha insistencia, respondeu: *Aceito a tua jura como penhor do teu carinho, mas has de casar, porque voltarei para assistir ao teu noivado. (Com tristeza)* Fernando, porém, morreu! A minha dignidade exige o cumprimento do que foi jurado! . . . Ele sacrificou a vida pela Patria, eu sacrifico-lhe o meu amôr!

PADRE ANTONIO

Ha seis meses que conhecias essa noticia e só agora te mostras decidida, só agora me contas o que foi passado! . . .

MARIA DAS MERCÊS

Desejava que ninguem o soubesse. . . Tenho luctado, tenho vivido no maior dos sobresaltos. Supuz que D. João se resignasse, mas ele depois de mil cartas, de me procurar, de me pedir de joelhos para que

renunciasse ao meu dever, declara-me agora que se matará se eu teimar. D. João ama-me, é leal, é brioso e cumprirá o que disse!... Eu amo-o e desejo que viva e seja alegre!...

PADRE ANTONIO

E' na verdade, terrivel o que me contas.

MARIA DAS MERCÊS

(Com nervoso) Padre, meu amigo, vou vestir-me duplamente de crepes!... Dae-me um conselho, livrae-me deste peso qne me oprime, fazei com que meu primo não desespere e se resigne!... Ele ha de encontrar mulheres mais belas e menos desditosas!... Dizei-lhe que é impossivel quebrar este juramento!... Não era verdade que, fazendo-o, seria indigna?

PADRE ANTONIO

(Apertando-lhe as mãos e fixando-a) Sim... muito indigna.

MARIA DAS MERCÊS

(Cahindo sobre uma cadeira a soluçar) Muito indigna... muito vil!...

PADRE ANTONIO

Maria das Mercês. . . fui novo e amei tambem.

MARIA DAS MERCÊS

(*Admirada*) Vós?!...

PADRE ANTONIO

Sim. . . A vida para mim era qualquer coisa de maravilhosa, de sublime e de grande!... A imagem da mulher que amava, servia-me de guia, enchia-me de luz e dava encantos aos meus sonhos, enlevos ternissimos á minha alma!... Todas as fantasias viviam em meu espirito, todas as bondades se albergavam no meu coração! A luz dos seus olhos, o perfume do seu halito, a musica da sua voz, em tudo eu via ou escutava... O', ainda hoje a ouço e escuto!

MARIA DAS MERCÊS

(*Com interesse*) Padre. . . depois?!...

PADRE ANTONIO

Depois. . . quando a minha torre de marfim estava elevada, divinal, grandiosa, a pobre adoeceu. . . Primeiro uma tosse de quando em quando, depois mais constante e, por ultimo, quando eu julgava vê-la de

branco a acompanhar-me á igreja, a abrir-me o céo, a rasgar-me horisontes mais belos, fui eu, de negro, acompanhá-la ao cemiterio (*Disfarçando as lagrimas*) O meu amôr morrera!...

MARIA DAS MERCÊS

Desditoso de quem ama!

PADRE ANTONIO

A' beira da sepultura, quando todos tinham partido, ajoelhei, juntei a boca á terra e disse: *Juro-te que morri tambem para o mundo e que nenhum outro amôr profanará meu peito!*

MARIA DAS MERCÊS

Jurou tambem?...

PADRE ANTONIO

E mantive a jura. Entrei para um seminario, tomei ordens, fiz-me padre. Ela foi para o céo, eu desci aos infernos!... Sabes, minha filha, o que é meter a mão no peito, agarrar o coração, retorcê-lo e arrancá-lo aos poucos, fazendo prolongar o suplicio?... Pois foi o que senti. Tenho recalcado todas as amarguras, mas tenho sido forte para as sofrer!... (*Resoluto*) Quando, pois, se faz um juramento com amôr e com

sinceridade, deve manter-se leal e inquebrantavel. O contrario é a indignidade, o oprobrio!

MARIA DAS MERCÊS

(*Erguendo-se*) Meu padre!...

PADRE ANTONIO

Juraste?

MARIA DAS MERCÊS

Jurei.

PADRE ANTONIO

Com fé, com ardor, com alma?... Ouviste o coração nesse momento?

MARIA DAS MERCÊS

Sim, jurei com toda a ternura consagrada a meu irmão!

PADRE ANTONIO

Deves mantê-lo se tens em conta o brio... Deves mantê-lo se tens em conta a honra! *(Cae sobre uma cadeira, ocultando o rosto com as mãos).*

MARIA DAS MERCÊS

(Ajoelhando em frente do crucifixo) Senhor, tende piedade de mim!... Afastae de meu primo D. João a

ideia de matar-se!... Dae-lhe, Senhor, forças para me esquecer e dae-lhe uma noiva mais formosa!... Deixae, meu Deus, engrandecer e amar a memoria de meu irmão!... Dae-me alento para este sacrificio tão puro e tão santo!... Deixae-me entrar na viuvez, sem nunca ter passado pelo noivado, mas concedei vida, alegria, risos constantes áquele que, isolada e triste, continuarei amando!... Senhor, tende meu irmão na tua santa guarda e dizei-lhe que mantenho firme o juramento que lhe fiz á hora da partida!... *(Fica curvada a resar).*

JOSÉ

(Entrando pelo F. e com alegria) Grandes novas... grandes novas... *(Reparando em Maria das Mercês e no Padre Antonio)* Mas que é isto?... *(Para o Padre)* Está doente?... Doe-lhe alguma coisa?... *(Procurando na secretaria)* E a carta?

PADRE ANTONIO

(Erguendo-se) A carta?!... Sim... hei de escrevê-la.

JOSÉ

A menina Maria das Mercês a chorar... Deve rir, deve rir.

PADRE ANTONIO

Não lhe quebres o meditar e respeita a sua dôr... Que novidades trazes?

JOSÉ

Já chegou a lista.... Já cá estão os nomes... *(Baixo)* Fernando não morreu...

PADRE ANTONIO

(Sobresaltado) Que dizes?... Estás bom da cabeça?...

JOSÉ

Ora essa!... Foi preso... esteve lá na Alemanha e figura na lista. Por signal é o segundo do rol. Não ha duvida... Li eu... Fernando de Mello, tenente de engenheiros.

MARIA DAS MERCÊS

(Erguendo-se repentinamente) Como!!... O nome de meu irmão?!

PADRE ANTONIO

(Para Maria das Mercês) Torna a ajoelhar e agradece a Deus o milagre que lhe pediste.

MARIA DAS MERCÊS

(Anciosa) Que se passa?...

PADRE ANTONIO

(Agarrando-lhe as mãos) Já podes casar e ser ditosa. Teu irmão é vivo e regressa á Patria. Foi feito prisioneiro e vem já a caminho do seu lar. O seu nome está na lista oficial.

MARIA DAS MERCÊS

(*Com arrebatamento, contemplando o crucifixo e erguendo os braços*) Como tu és bom!... Como tu és grande!... (*Ajoelha*).

PADRE ANTONIO

Como é grande o destino!... Como é grande o teu amor fraterno!...

JOSÉ

Palavra de honra... estou tão contente, que já nem quero a carta.

PADRE ANTONIO

Então?...

JOSÉ

Vou eu mesmo beijar minha mãe e juntamente com o lenço e com o rapé, levo-lhe, desta vez é certo, a imagem de Nossa Senhora das Dores.

MARIA DAS MERCÊS

(*Erguendo-se e abraçando o Padre*) Foi na sua frente, lá no solar, que fiz o juramento.

PADRE ANTONIO

E ela será, então, a tua protectora... Deve velar por ti, porque és digna e virtuosa!

MARIA DAS MERCÊS

(*Beijando a mão do Padre Antonio*) Meu bom amigo, a sua benção.

PADRE ANTONIO

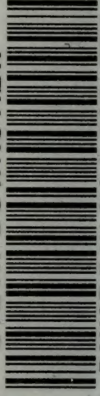
(*Enquanto o pano desce lentamente*) Eu te abençôo, em nome da tua nunca desmentida ternura e em nome da honra a que deste tanto brilho, com o teu juramento de amor!

FIM

Para breve:

AMÔRES TRAGICOS

Emocionante romance contemporaneo


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 15 13 01 007 8